



Mensagens aos chefes

Escotismo e colonialismo

O general Lyautey, discursando há anos num Liceu francês, dizia: «Não é sómente por gostar de aventuras e de viagens que sou um colonialista convicto, mas também porque encontrei nas colonias a mais bela escola de energia, aquela em que a raça se retempera, em que se refunde a raça como num cadinho.

Escola de energia, as colonias. E para nós, escoteiros-chefes, escola de Escotismo também, e a verdadeira, a única talvez. Por isso, o grande remédio para quasi todos, se não todos, os males que enfermam a alma do Movimento Escotismo Português — dos quais os *escoteiros de sala*, os *escoteiros de pau e corda* e os *chefes de cátedra*, por exemplo, se fizeram já símbolos — se pode com absoluta segurança enunciar assim: *Fazer escotismo colonialmente!*

Estas palavras não devem surpreender ninguém. Qual é, com efeito, o conteúdo do *Scouting for boys*, o livro que deu origem ao Movimento Escotista? Quasi todos os seus ensinamentos e narrativas são tirados da historia colonial inglesa e o autor narra constantemente as suas próprias experiencias colonias feitas de 1876 a 1901. Verifica-o, vós próprios, relendo mais uma vez, essa obra. E' num incidente, numa estrada da India, que Baden Powell contrai o habito do uso da vara escotista; tal ou tal modelo de ponte é por elle copiado dos Ashautis; o «Eugonyama», celebre hino hoje conhecido dos escoteiros de todo o Mundo, ouviu-o ele aos Zulus num dia memoravel; a maioria dos desenhos dos seus livros são reproduzidos dos seus apontamentos de viagem ou de guerra. Todo o livro é constituído por pequenos quadros ou episodios da vida colonial, da vida africana principalmente, devidamente enquadrados e adaptados á mentalidade e á vida do rapaz. Elle próprio o diz no primeiro livro em que procura dar ao leitor uma noção geral do que é um escoteiro. «Depois dos escoteiros dos exercitos, diz elle, existem os escoteiros dos tempos de paz, isto é, aqueles que durante a paz trabalham em obras que exigem o mesmo género de faculdades e capacidades. São os fronteiros de todas as partes do nosso Imperio. Batedores da America do Norte, caçadores da Africa central, pioneiros, exploradores, missionarios, domesticadores de cavalos da Australia, soldados da policia montada do Canada e da Africa do Sul, todos são escoteiros pacificos, verdadeiros *homens* na acepção plena da palavra, para quem a ciencia do Escotismo não tem segredos».

Não ha, portanto, Escotismo sem reprodução da vida colonial. O modelo do escoteiro não é, todavia, o homem zulu — como por aí se julga e diz frequentemente ainda, utilizando até essa presunção como cavallo de batalha para combater o Escotismo — e sim o homem europeu vivendo em pais zulu. *Prática colonial*, eis o que assegurará a vida do Escotismo Português, depurando-o de todos esses erros que o deturpam e impedindo que elle se agrave cada vez mais.

Antes de mais nada, procuremos fazer dos nossos rapazes *homens vigorosos*, porque isso constitui para nós um dever: um dever para com os rapazes, para com a raça para com o País. A um corpo degenerado erradamente corresponde um espirito válido. E a *educação fisica natural*, praticada convenientemente, é um maravilhoso meio de formação moral: o esforço de vontade que é preciso realizar para vencer a vertigem ou o medo fisico, para fazer todos os dias exercicios fisicos progressivos, age poderosamente sobre o caracter.

Que é, porém, necessário para se conseguir um tal desiderato? Apenas fazer o que fazem os homens que vivem em plena natureza, quer elles sejam colonos ou indigenas das colonias: o «passo de escoteiro» não é para elles um exercicio cronometrado, as escaladas não são feitas em muros artificiais, e não é sobre pontes, mesmo de cordas, mas a nado, que elles atravessam as ribeiras e os rios. Tal é a verdadeira educação fisica, tão pouco praticada entre nós. Por que motivos a desprezamos? Por preguiça, ou por desdem de... intellectuais? O melhor dos dois motivos nada vale.

A pratica colonial implica ainda, por definição, a *vida em plena natureza*. A maioria dos nossos grupos, até mesmo muitos dos que se jactam de fazer bom Escotismo, utilizam a vida em plena natureza apenas episodicamente, numas horas ao fim da semana de quando em quando ou, quando muito, durante alguns dias ao fim do ano. Mas, pergunto então curiosamente, como fazer os rapazes observarem, como *ensinar-lhes* a natureza, esta natureza que é o meio providencial de toda a instrução, e um dos meios, providenciais também, da nossa formação moral?

Para saber ler os livros feitos pelos homens, será necessario que a obra da Criação exposta na nossa frente, se conserve indecifrável para os nossos olhares indiferentes, será preciso que sejam os não-civilizados os mais conhecedores da sua leitura e tradução?

Quantos, de entre os nossos escoteiros, serão capazes de conhecer as diferentes especies de madeira pela rugosidade e coloração das suas fibras ou pelo seu odor ou serem queimadas? Um escoteiro qualquer orgulha-se e proclama-se constantemente o «campeão» do fogo obtido no campo por fricção... terá elle, porém, alguma vez já acendido assim o fogo para cozer os seus alimentos, e que figura fariam os nossos rapazes (e até a maioria dos clubs, talvez), se enviassemos em «viagem de 1.ª classe» sem provisões de especie alguma, com ordem de se alimentarem durante vinte e quatro horas, apenas com os alimentos por eles proprios descobertos nos prados e nos bosques?

Como a dos colonos ou a dos indigenas das colonias, a vida do escoteiro deve ser sempre proxima da natureza e em plena natureza, e os progressos e aperfeiçoamentos que já hoje tem o equipamento escotista não devem aburguezar-se num conforto que não seja conseguido pelas nossas proprias mãos, pelo nosso proprio esforço: apenas os «Patas-tenras» levantarão para o campo os sacos-camas, tão confortáveis como prejudiciais ao exito das praticas escotista-campistas. Fazer o contrario, é cair nos exageros, nos excessos, nos vicios que o Escotismo veio combater, entre os quais avultam, com efeitos tão funestos quanto bem patentes, a indolencia, a apatia fisica, psiquica e moral, e a sensualidade morbida da nossa infeliz e degenerada mocidade.

Enfim, a pratica colonial implica o enriquecimento do nosso Escotismo com todos os *tesouros das nossas colonias*. Haverá alguém que possa duvidar da utilidade educativa, e portanto moral e patriótica, de mostrar aos nossos escoteiros que possuímos o terceiro Imperio Colonial do Mundo?

Lendo o «*Scouting for Boys*» de Baden-Powell, verificaremos que o Escotismo está cheio de usos e costumes ou de receitas praticas colhidas pelo seu genial criador entre os Matabeles, os Boers e nas Indias. Ele utiliza tudo o que julga util á consecução plena dos seus fins, seja onde for que o encontre. Mas se os bonés de plumas dos Peles-Vermelhas tornam bastante pitorescos os fogos de conselho, porque não passaremos a ver ai, em seu lugar, toda a especie de adornos com que se tocavam os indigenas do interior de Angola, de Moçambique ou da Guiné? Eu, pessoalmente, gosto imenso, por bastante confortáveis, das barracas canafricanas, sejam de lona ou construidas com madeira em bruto colhida nos bosques; mas não serão muito mais originaes, na sua silhueta cilindro-conica, as palhotas dos indigenas de S. Tomé e de Angola, quer nós a construamos tal qual elles com colmo e barro, quer simplesmente as imitemos com esteiras ou mesmo pano impremiavel?

Os indigenas de Timor dão-nos bem lições de campismo e a arte hindu de Goa e Damão, e hindo-china, de Macau, quantas e belas nos não fornecem também no que diz respeito á decoração das nossas tendas, dos nossos acampamentos e até mesmo das sedes dos nossos grupos.

Todos esses pontos são nossos, somos

nós, são o Portugal de três grandes continentes, o Portugal de quem e de além mar, o Portugal glorioso de ontem, de hoje e de sempre, e nós afinal parecemos não o conhecer! Nós ignoramos ou parecemos ignorar até o nome dos heróis que deram á nossa Patria esses povos, e se os de Vasco da Gama e Diogo Cam se lêem nas bandeirolas de algumas patrulhas ou servem mesmo de patronos a alguns grupos, podemos procurar á vontade que não encontraremos em grupo algum os nomes de Gonçalves Baldaia, Diniz Dias, Antonio Noronha, Nuno Tristão, Soares de Albuquerque, Afonso de Albuquerque, D. Francisco de Almeida, Serpa Pinto ou o de Capelo e o de Ivens.

Conhecem por ventura os nossos rapazes até, mesmo, em que terras longinhas têm eles irmãos escoteiros portugueses? De que raças são os componentes dos grupos de Macau, e se haverá commissarios regionais escotistas na India Portuguesa? Saberão os nossos rapazes responder a estas perguntas, meus bons irmãos escoteiros-chefes?

Ha, pois, bastante que fazer neste campo. E' toda a nossa já magnifica, embora incipiente literatura colonial, narrativas de expedições, biografias de missionarios, de martires da causa da civilização e da Patria, que é preciso explorar quanto antes, senti-las de todo o coração e fazê-las sentir e admirar pelos nossos escoteiros. Que novas riquezas aí encontraremos para o Escotismo Português! Que bela applicação aí encontraremos para este principio que deve ser o de todo o escoteiro português: *O escoteiro é filho de Portugal... de todos o Portugal!*

* * *

Queridos irmãos chefes-escoteiros: Está neste momento a realizar-se no Porto o maior certame colonial até hoje levado a efeito em terras portuguesas, no qual, mesmo, terão lugar algumas manifestações escotistas. Por isso me pareceu não só oportuno, mas util, iniciar agora estas minhas projectadas e até prometidas mensagens e incluí-las pelas considerações que aí ficam. Em face da I Exposição Colonial Portuguesa, medital bem este tema, e que da vossa meditação algo resulte de util para o Escotismo Português, que o mesmo é dizer para a Mocidade Portuguesa.

A. N.